



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #31

Brasil em um mundo em mutações

ABRIL DE 2019

Sobre o CEBRI

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente, que contribui para a construção da agenda internacional do Brasil. Há vinte anos, a instituição se dedica à promoção do debate plural e propositivo sobre o cenário internacional e a política externa brasileira.

O CEBRI prioriza em seus trabalhos temáticas de maior potencial para alavancar a inserção internacional do país à economia global, propondo soluções pragmáticas na formulação de políticas públicas.

É uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente. Hoje, reúne cerca de 100 associados, que representam múltiplos interesses e segmentos econômicos, e mobiliza uma rede de profissionais e organizações no mundo todo. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por renomados diplomatas, intelectuais e empresários.

www.cebri.org

EQUIPE CEBRI | Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Gerente Geral: **Luciana Gama Muniz** | Gerente de Relacionamento Institucional e Comunicação: **Carla Duarte** | **PROJETOS** > Coordenadora Acadêmica e de Projetos: **Monique Sochaczewski** | Coordenadora: **Cintia Hoskinson** | Coordenadora: **Maíra Celidonio** | Analistas: **Gabriel Torres; Teresa Rossi** | Assistentes: **Carlos Arthur Ortenblad Jr.; Mônica Pereira** | Estagiário: **Luiz Gustavo Carlos** | **COMUNICAÇÃO** > Consultor: **Nilson Brandão/Conteúdo Evolutivo** | Assistente: **Gabriella Cavalcanti** | **EVENTOS** > Coordenadora: **Giselle Galdi** | Assistente: **Beatriz Garcia** | Estagiária: **Danielle Batista** | **INSTITUCIONAL** > Coordenadora: **Barbara Brant** | Consultora: **Gina Leal** | Secretária Executiva: **Danielle Pascarella Justa** | **ADMINISTRATIVO** > Coordenadora: **Fernanda Sancier** | Assistente: **Ana Beatriz Paiva** | Serviços Gerais: **Maria Audei Campos**

FICHA TÉCNICA BREAKING NEWS | Texto: **Janaína Camara da Silveira** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org

O Presidente Honorário do CEBRI, Fernando Henrique Cardoso, debateu sobre o tema “Brasil em um mundo em mutações” no evento que marcou a inauguração da sede do *think tank*, no Rio de Janeiro. O encontro teve moderação do Presidente do Conselho Curador do CEBRI, José Pio Borges, e foi realizado em 20 de março de 2019.

Fernando Henrique destacou a importância da definição de rumos para a política brasileira, tanto no cenário interno como no campo das relações internacionais. Para o Presidente Honorário, é preciso construir um debate e garantir à população melhoria nas condições de vida, que classificou como muito dura para a maior parte dos brasileiros.

Tais discussões, pondera, podem ter o apoio da internet, especialmente para ampliar o público receptor. As novas tecnologias, segundo o ex-Presidente, são fundamentais no entendimento do mundo atual, permitindo trocas entre pessoas e desafiando o papel de instituições e organizações partidárias, entre outros agentes da sociedade.

O detalhamento do encontro é o conteúdo desta edição do *Breaking News*. Aproveitamos para agradecer ao Presidente Honorário do CEBRI, Fernando Henrique Cardoso, ao Presidente do Conselho Curador do CEBRI, José Pio Borges, aos Conselheiros e aos Associados presentes.

Breaking News #31

Brasil em um mundo em mutações

ABRIL DE 2019

Hoje a relação decisiva no mundo se dá entre China e Estados Unidos. O ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, entendeu há décadas que era preciso compreender o que se passava no país asiático. No livro *Sobre a China*, o ex-secretário de Estado norte-americano explica como os chineses desenvolveram caminhos próprios de acomodação, interna e externa, como um socialismo harmonioso, liderado por Deng Xiaoping, num momento em que os norte-americanos passaram a se endividar e a China a comprar títulos do Tesouro dos EUA.

A emergência chinesa trouxe à luz o tema da Armadilha de Tucídides [expressão que remete ao padrão de estresse estrutural provocado pelo choque entre um poder ascendente e outro hegemônico que levaria a confrontos ou guerras], que deve ser evitada, dado que o cenário atual não demonstra que a emergência de uma potência elimine outra. Na realidade, o mundo contemporâneo passou a assistir a um jogo entre a China, os EUA, a Rússia, a Europa e alguns emergentes.

Ainda na época do regime soviético, enquanto norte-americanos e asiáticos rumaram para a militarização, os russos perceberam que não teriam resposta ao crescimento tecnológico dos norte-americanos. Ao visitar Moscou no final daqueles tempos, havia dificuldades de comunicação - desde a documentação do Banco Central que tinha de ser enviada a Moscou por caminhões desde a sede na Criméia - à dificuldade de telefonar para a Embaixada do Brasil, dentro da capital russa. A então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi se desfazendo. A China se manteve, e desenvolvendo teorias de acomodação.

O que se vive agora é uma nova etapa, em que tal momento de acomodação está sendo rompido por diversas razões: há competição forte, a Rússia busca mais entendimento com a Europa e há uma aproximação de russos e chineses, já acomodados nos entendimentos em relação ao Oriente Médio. Começa a surgir uma mudança na geopolítica mundial. Os chineses tinham medo da Marinha norte-americana, devido a fatores militares e estratégicos, mas esta barreira parece estar sendo superada, formando também um novo desenho das relações internacionais.

Uma força avassaladora é a tecnologia, permitindo o contato direto entre pessoas. Em 1961, quando estava na Universidade de Paris, vivenciei manifestações que ganharam força ao serem propagadas pelo rádio e pela televisão: os meios de comunicação tinham um papel preponderante. Com a internet, há a possibilidade de se burlar ou saltar as estruturas, botando em xeque a democracia representativa no mundo. Fato é que os partidos estão pequenos, e as instituições não se adequaram, mas ambos precisam perdurar. Há países que não vivenciam tal experiência, caso da China, Rússia e Turquia, onde também não há democracia plena. Poderia-se pensar tratar-se do começo de uma nova era, para usar uma expressão inspirada na obra de Hobsbawm [referência ao historiador Eric Hobsbawm]. A questão é que não há qualquer entendimento sobre o que poderia ser feito, e, neste cenário, nem como tomar qualquer caminho ou solução.

Dilemas do mundo contemporâneo

Em outros momentos, também é preciso esforço para entender o contexto. Quando estive na Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), onde trabalhei com Presbich [o economista Raúl Prebisch], escrevi um livro sobre dependência e desenvolvimento para debater os efeitos da globalização nas economias da periferia, ainda que não soubéssemos do que se tratava, estávamos tateando. Mesmo a ideia de multinacionais não existiam, chamavam-se de trustes nos anos 1960. Já havia a indústria europeia no Brasil, além de enclaves dos setores agropecuário e mineral. Essa integração econômica que agora se revoluciona tão rápido bota em xeque a visão de Estado.

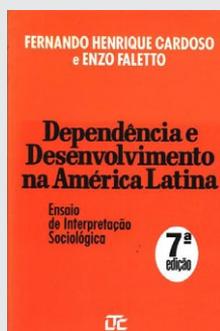
Após deixar a Presidência, em 2003, fui convidado pelo então Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, a fazer um relatório sobre a sociedade civil e o surgimento de novos atores institucionais, as ONGs (organizações não governamentais). Eram grupos não estatais que começavam a levantar causas, tais quais meio ambiente e gênero. Era preciso buscar um equilíbrio de poder e soberania com os Estados. A ONU passou a ser suspeita de colocar os Estados em xeque.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Análise

Durante a fala, Cardoso comentou sobre sua interpretação sobre as relações da América Latina e as demais regiões do mundo, pesquisa de 1965 publicada como livro quatro anos depois.

Para além da guerra comercial: riscos e oportunidades para a China



Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto

Não é fácil definir quais os interesses nacionais expressos pelo Estado num mundo globalizado, em que existem interesses estatais, nacionais e internacionais. E como o Brasil se apresenta diante desses fenômenos que são disruptivos? Antes, o desafio era como se integrar e ter autonomia neste processo. Hoje, a ideia é soberania, mas não apenas ela: há relações entre diferentes entes e mesmo temas que se interpoem. Enfrentamos um dilema: como é possível preservar interesses nacionais ante situações de interconexão, de interesses da humanidade para além do que é definido pelo próprio Estado?

Neste contexto, também houve o avanço de organizações internacionais e multinacionais, como o pacto da União Europeia, tentativas de consolidação do Mercosul, mas também crises, tais quais o Brexit. O mundo soviético foi se desfazendo e, em conversa com Vladimir Putin, o que se tem, segundo palavras do próprio, é o desejo de que a Rússia seja respeitada. Vale ressaltar que a Europa nunca aceitou uma parceria com a Rússia, mesma coisa que acontece com a Turquia. São vários problemas simultâneos ocorrendo em um momento de aproximação da China com a Rússia.

O Brasil no mundo

O Brasil e o Itamaraty sempre tiveram a preocupação de preservarem sua identidade, mantendo boa relação com os EUA, mas sendo independentes. A América do Sul, pela proximidade geográfica, tem de estar integrada, e sob meu governo houve a primeira reunião dos presidentes da região. Aqui, temos capacidade de influenciar, não dominar, mas conduzir diálogos.

Pode-se dizer que hoje o maior desafio regional é a questão da Venezuela. Mundialmente, há questões também no Mar do Sul da China e um jogo ainda sem muita clareza na Península Coreana, que envolve Coreia do Norte, Coreia do Sul, China e Estados Unidos.

Neste contexto, o Brasil precisa saber quais suas responsabilidades e quais os riscos de qualquer iniciativa que adote. É importante ainda que o país esteja atento a questões envolvendo guerra cibernética, um risco real no mundo em que as forças são cada vez mais atuantes e menos visíveis. De certa forma, estamos em uma parte do mundo relativamente abrigada dos grandes choques, onde a influência norte-americana é maior até por questões de proximidade, mas também pelo regime democrático. No entanto, não devemos tomar posições antecipadas, especialmente tendo em conta o fato de a China ser hoje o parceiro comercial número 1 do Brasil. Além disso, o Mercosul tem seu peso.

É preciso encontrarmos nosso caminho, concentrando em nosso interesse, sem escolher lados. É necessário haver uma política para a China, por exemplo, que tem robustos investimentos em distribuição elétrica no Brasil, por exemplo, onde tem reinvestido localmente os lucros das empresas que comprou e trocando a tecnologia neste processo, que é superior à atual. Fica uma lição para o Brasil: investir em tecnologia.

Internamente, temos uma economia que está marcando passo, há muita desigualdade no país. A pobreza é uma realidade, com um cotidiano pesado para esta faixa da população. Precisamos garantir o pão nosso de cada dia, é isso que faz crescer a economia. Quando nos afastamos um pouco da nossa realidade, chegando à periferia, percebemos o quanto é dura a vida da população. É uma realidade muito difícil. O Plano Real trouxe bem-estar para as pessoas, que é o que elas querem. Com a recessão, a desigualdade voltou a ser evidente. Vivemos numa bolha, mas é preciso atentar para o quão ruim é a situação da população brasileira.

CONTEÚDO RECOMENDADO

China

Cardoso destacou Kissinger como um gênio e recomendou a obra do ex-secretário norte-americano que descreve a China contemporânea.

Henry
Kissinger
**Sobre
a China**

**Sobre a
China**

Henry Kissinger

Necessidade de rumo

O Brasil precisa encontrar o seu rumo e, para isso, é preciso que se saiba o que queremos, sem esquecermos de identificar nossos temores. Em geral, temos medo do mundo devido à falta de contato com o Exterior. A própria língua portuguesa nos isola, se pensarmos numa comparação com o mundo hispânico e o número de países. Dentro de casa também pode-se dizer que muitos não conhecem o Brasil. Existem proposta e ideias, mas não existe o delineamento de uma realidade.

Só teremos a sensação de que estamos no caminho certo quando houver crescimento econômico. Neste caminho, é preciso investir em tecnologia, em pesquisa, com instituições de fomento tais quais o CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). O setor agropecuário é exemplo de que ciência e tecnologia podem alavancar um setor. Há algumas décadas não se pensava em plantar no Cerrado devido a características do solo, realidade que mudou graças à ciência. A projeção de poder no futuro do Brasil passa por estes pontos.

O meio ambiente e a capacidade que temos de lidar com a mudança climática, por exemplo, nos garante um ativo no que tange questões de soft power. Dificilmente o Brasil será uma nação que decidirá os rumos o palco global, mas entraremos no jogo com capacidade de observar, influenciar. Política é navegação: é preciso encontrar o rumo e, em caso de tempestade, ajustar a rota.

Internet como ferramenta de discussão

É fundamental repensar o rumo para o Brasil. Assim, é preciso questionar, a fim de reconhecermos nossos avanços até aqui e onde há um atraso relativo. É preciso dialogar para construir um novo projeto. Isso passa por definirmos nossos interesses e, a partir destes, delinear o nosso futuro.

É preciso discutir não só tecnologia e ciência, mas educação, segurança. Hoje sequer temos cinco ou seis pontos consensuais para definirmos uma plataforma de renovação. Estas são necessárias porque definem as questões nacionais, diferentes de temas partidários.

A internet é uma ferramenta para ampliar a discussão, que tem de ser usada com responsabilidade - um desafio contemporâneo. Se ainda não conhecemos a solução, temos de expor as nossas dúvidas. Podemos aprender com os chineses, por exemplo, que demonstraram capacidade de crescimento. Não precisamos de seu regime político, mas podemos adaptar algumas soluções. É preciso construir maior bem estar para todos, porque hoje a vida não está boa para uma parcela importante da sociedade brasileira. Vamos discutir com toda ela nossas dúvidas e proposições.





Biografias

Fernando Henrique Cardoso

Fernando Henrique Cardoso foi presidente da República Federativa do Brasil por dois mandatos consecutivos, de 1995 até 2003. Sua presidência foi marcada pela consolidação da estabilidade econômica, reformas na economia, na seguridade social e na administração pública, assim como por acesso mais amplo a políticas sociais. Previamente, foi Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Fazenda e Senador por dois mandatos. Começou sua carreira como Professor Titular de Sociologia e Ciências Políticas na Universidade de São Paulo (USP) e fundou o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Durante a ditadura militar, viveu em exílio no Chile e na França, e lecionou na Universidade de Princeton, na Universidade da Califórnia em Berkeley, e na Universidade de Cambridge. O Presidente recebeu PhD em Sociologia da USP.

José Pio Borges

José Pio Borges é sócio-gerente da RJX Investimentos. Serviu como Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), onde exerceu numerosas posições. Foi também CEO da Pronor Petroquímica, Diretor do BBM - Banco da Bahia Investimentos S.A. e Diretor da Violy, Byorum & Co. É atualmente membro do Conselho de Administração da Captalys Investimentos e Diretor da Casa Stefan Zweig em Petrópolis. Recebeu diploma de bacharel em Engenharia Mecânica e mestrado em Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e concluiu mestrado em Economia na New School for Social Research em Nova York.



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Diretora Executiva

Julia Dias Leite

Conselho Curador

Aldo Rebelo

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

José Roberto Castro Neves

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Marcos Galvão

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Conselho Internacional

Albert Fishlow

Alfredo Valladão

Andrew Hurrell

Felix Peña

Julia Sweig

Kenneth Maxwell

Leslie Bethell

Marcos Caramuru

Marcos Jank

Monica de Bolle

Sebastião Salgado

ASSOCIADOS

Em março de 2019



Sócios Individuais

Adriano Abdo
Álvaro Augusto Dias Monteiro
Álvaro Otero
Arminio Fraga
Carlos Leoni de Siqueira
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Claudine Bichara de Oliveira
Décio Oddone
Eduardo Marinho Christoph
Eduardo Prisco Ramos
Fernando Bodstein
Fernando Cariola Travassos
Frederico Axel Lundgren
Gilberto Prado
Henrique Rzezinski
Jaques Scvirer
João Felipe Viegas Figueira de Mello
João Roberto Marinho
José Francisco Gouvêa Vieira
José Roberto Castro Neves
Larissa Wachholz
Leonardo Coelho Ribeiro

Marcelo Weyland Barbosa Vieira
Marcio João de Andrade Fortes
Maria Pia Mussnich
Mauro Ribeiro Viegas Neto
Mauro Viegas Filho
Najad Khouri
Paulo Ferracioli
Pedro Leitão da Cunha
Ricardo Haddad
Ricardo Levisky
Roberto Abdenur
Roberto Amadeu Milani
Roberto Guimarães Martins-Costa
Roberto Pereira de Almeida
Roberto Prisco Paraiso Ramos
Roberto Teixeira da Costa
Rosana Lanzelotte
Sergio Zappa
Stelio Marcos Amarante
Thomas Trebat
Tomas Zinner
Vitor Hallack
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2018 o terceiro melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade da Pensilvânia.

www.cebri.org